

## Comunicação e processos identitários: entrelaçamentos, não-ditos e caminhos de possibilidades

*[Communication and identity processes: interlacing, 'unspoken' and possible paths]*

**GOÉS, José Cristian**

Doutorando em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)  
[PhD Candidate in Communication from Federal University of Minas Gerais]  
<criatiangoes\_brasil@yahoo.com.br>

### RESUMO

Este trabalho busca realizar uma discussão que aproxima a perspectiva praxiológica da comunicação com formulações centrais sobre os processos identitários, especialmente os coletivos. Em razão desse exercício, em que também utilizamos as ideias de dispositivo e de poder em Foucault, reconhecemos a existência de uma espécie de dependência constitutiva das identidades ao viés relacional da comunicação. Além disso, defendemos a existência de um ambiente não completamente visível nas interações, repleto de "não-ditos", o que possibilita um salto para um campo aberto a possibilidades interpretativas, produzindo as fissuras identitárias.

Palavras-chave: Comunicação; Modelo Praxiológico; Identidades; Dispositivo.

### ABSTRACT

This work aims to hold a discussion nearing a praxiological perspective of communication with central formulations of the identity processes, especially the collective one. Because of this exercise, which also used the device of ideas and power in Foucault, we recognize the existence of a kind of identities' constitutive dependence to relational bias of communication. Besides, we defend the existence of an environment whose interactions are not completely visible, full of "unspoken", which enables a jump to an open field to interpretive possibilities, producing identity cracks.

Keywords: Communication; Praxiological Model; Identities; Device.

## Comunicação e processos identitários: entrelaçamentos, não-ditos e caminhos de possibilidades

GOÉS, José Cristian

**E** stamos tão profundamente mergulhados no mundo da vida, que os inúmeros e complexos processos sociais que nos constituem e envolvem parecem ser como simples atitudes naturais diluídas em nosso cotidiano. Longe das percepções ordinárias, eles nos atravessam quase que completamente despercebidos.

Um desses processos é o da comunicação, condição básica da vivência humana. É através dela que, desde tempos imemoriais, nós produzimos, partilhamos e trocamos os vários sentidos e significações que compõem nossa existência. Com a comunicação, reconhecemo-nos, somos reconhecidos e nos diferenciamos. Ela é tão central que chega ser “condição da consciência” (DEWEY, 1980, p. 41).

A comunicação exige, assim, para se realizar enquanto um processo social, a ação de contato, as relações, as mediações, as interações entre os sujeitos. É um pôr-se em atitude no mundo. É o estar-no-mundo. Podemos pensar ainda a comunicação como uma espécie de laço que nos faz abraçar os outros, apreendendo-nos como humanidade.

Esse apresentar-se ao outro, numa relação de intensa troca, isto é, o comunicar, não ocorre de maneira mecânica, transmissiva, com papéis fixos entre falante e ouvinte. Ao contrário, é um processo dialógico, de múltipla afetação entre os sujeitos, que vão se

constituindo na experiência. Ao estabelecermos vínculos com o outro, apreendemos sobre o mundo, contextualizando-o, do mais próximo até uma imaginária globalidade.

Por esse viés de comunicação, baseado nas relações, nas interações, os sujeitos são entendidos como interlocutores em ação, que se apresentam ao diálogo, ao mesmo tempo agindo e sofrendo em razão dos gestos comunicativos, construindo e sendo construído por eles, formando um ambiente intenso e recíproco (QUÉRÉ, 1991).

Entendemos que a comunicação relacional guarda uma característica central: sua condição constituinte e transformacional dos interlocutores ocorre na prática, isto é, na vida concreta, no cotidiano. Por isso, filiamo-nos à proposta do modelo praxiológico, anunciado por Quéré, na medida em que ele “entende os sujeitos enquanto construídos na relação com o outro, no espaço da diferença” (FRANÇA, 2003, p. 5).

Essas relações, interações, são centrais para entender as identidades, que também se constituem num processo social de afetação dos sujeitos e da sociedade que, assim como a comunicação, também está entrelaçado e diluído no cotidiano que não percebemos. São as identidades que produzem uma espécie de reconhecimento do “eu”, passando a ideia de pertença a um grupo e, ao mesmo tempo, marcando as diferenças com os “outros”, enquadrando-nos, todos, em trânsitos sociais, culturais, históricos.

Se a comunicação é uma espécie de laço que construímos com nossa ação, para nos tornar partícipes da humanidade, as identidades funcionam, nesse âmbito, como ligas seletivas que nos aproximam por sensação de pertencimento e que nos distanciam pelas diferenças, ou seja, elas nos organizam no mundo. Podemos pensar,

assim, que nas relações humanas há uma alteridade fundante e insistente.

Abraçamos as formulações sobre identidades enquanto um conceito sociológico, percebendo-as, na contemporaneidade, como processos identitários, ou seja, elas são construções sociais em fluxo, em trânsito, portanto, não são dadas, naturais, biológicas, muito menos fixas e estáveis. E mais, as identidades se inscrevem em uma dimensão imaginativa, que fragiliza e coloca em suspensão as ideias de pertencimento e de diferenciação.

É exatamente essa característica fabular das identidades que vai garantir a instabilidade e a constante abertura para reconfigurações inacabadas. Por isso, elas serão nomeadas no plural, estando em processo, sempre sob rasura, rejeitando-se ideias pré-concebidas, dadas e imutáveis (HALL, 2006). Entendemos que os processos identitários contemporâneos são como resultados de construções discursivas tensionadas e que vão definir as pertenças e as diferenças, o eu, o nós e os outros.

Assim, depois de apresentadas algumas formulações sobre comunicação e identidades, mesmo de forma resumida e inicial, somos convocados a perguntar: É possível encontrar pontos de contatos entre elas? Em que medida há intersecções e quais são os resultados desse diálogo? A comunicação relacional pode ajudar a pensar o processo identitário? É possível observar saltos reflexivos a partir dessa discussão?

Este texto não pretende responder completamente a essas e nem às tantas outras questões imbricadas nelas<sup>1</sup>, mas fazer emergir elos

---

<sup>1</sup> A pesquisa no Doutorado Comunicação/UFMG investiga a construção de invisibilidades no jornalismo a partir de um possível apagamento identitário entre Brasil e os países africanos de língua portuguesa.

entre comunicação e identidades. Que, em algum momento, eles possam nos ajudar a pensar nesses processos como uma espécie de porta aberta para um universo amplo de possibilidades interpretativas.

### **1. Identidades: a construção do dispositivo identitário**

Antes de enfrentar algumas das questões acima, propomos iniciar esse percurso apresentando um dos pilares de nossa base: a ideia de *dispositivo*. Não o definimos como aparato tecnológico, mas partilhamos da ideia de que o dispositivo é um conjunto complexo e heterogêneo de elementos que abraça “discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas” (FOUCAULT, 1979, p. 244).

O dispositivo guarda uma característica fundamental: está em incessante jogo de poder, entrecortado em todas as direções por diversas linhas força. No entanto, o poder apresenta-se disfarçado para ser, estrategicamente, aceito. “É somente mascarando uma parte importante de si mesmo que o poder é tolerável. Seu sucesso está na proporção daquilo que consegue ocultar dentre seus mecanismos” (FOUCAULT, 1988, p. 83).

Importante ressaltar que o dispositivo possui uma gênese, um ponto de partida. Além disso, ele estará sempre associado com respostas às emergências que, por sua vez, estão inseridas em estratégias que levam a um conduzir, a um manobrar. Os elementos do dispositivo estabelecem uma rede de múltiplos enredados entre si e atuam num amplo campo de possibilidades. (FOUCAULT, 1988)

Deleuze (1990), referenciando-se em Foucault, utiliza-se da metáfora do “novo ou meado, um conjunto multilinear” para melhor caracterizar o dispositivo. As linhas que o compõe são múltiplas, tomam variados caminhos e provocam instabilidades. Esse autor fala de curvas de enunciação e de visibilidade como componentes do dispositivo. Nele ainda há linhas de fuga, ruptura, fissura, fratura que se entrecruzam.

Acentuamos, porém, que as identidades são um fenômeno em disputa e, nessa condição, elas tendem à fixação, à unicidade, à imutabilidade, produzindo uma sensação de naturalidade, o que, na verdade, são os resultados de linhas de força majoritárias que buscam uma identidade fixa, perpetua. No entanto, isso parece impossível porque as identidades se dão em processo relacional, em trânsito, em construção e desconstrução, em disputa de sentidos e em razão de estratégias e das forças que atuam nelas.

Bauman (2005) lembra que, como as identidades não foram gestadas de forma natural na experiência humana, são construções políticas que carregam “muita coerção e convencimento para se consolidar e se caracterizar numa realidade” (2005, p. 26). Dessa forma, “nós devemos pensar as identidades como um *dispositivo discursivo* porque são atravessadas por profundas divisões e diferenças” (HALL, 2006, p. 61, grifo do autor).

Em razão dessas considerações, entendemos que as identidades, especialmente as nacionais, vão se constituindo em um dispositivo, na medida em que formam um conjunto extremamente heterogêneo de elementos, que envolve discursos (memórias, mitos fundadores, inimigos, heróis) e que vão definir pertencas e diferenças; instituições materiais e imateriais (povo, nação, língua, símbolos); organizações arquitetônicas (monumentos e paisagens); leis, (a Carta

Magna); enunciados científicos e morais (a ideia do que é ser brasileiro, o projeto de nação).

No dispositivo identitário, podem-se perceber estratégias políticas, econômicas, culturais, sociais, religiosas, midiáticas atuando em sua constituição. Por isso, ele está inscrito diretamente nas tramas do poder. Esse dispositivo se constitui e é constituído na experiência social e é acionado, de forma nítida, em emergências a serem respondidas. Uma ilustração: os apelos midiáticos de empresas e do Governo (“a pátria de chuteiras”) dirigidos à população no primeiro semestre de 2014, em razão da Copa do Mundo, apontaram uma convocação sutil de pacto e de união nacional em torno do evento e da seleção nacional de futebol. Nos apelos, ao reafirmar o brasileiro como uma identidade de povo pacífico, cordial, alegre, também se buscou reduzir às críticas públicas vistas em manifestações em várias cidades sobre os gastos com o evento.

Nesse caso ilustrativo, entre os outros elementos que atravessam o dispositivo identitário, como governo, estado, política, economia, esporte, há uma força massiva dos meios de comunicação, numa nítida indicação de sua importância e crença mediadora na disputas pelas identidades. As manifestações contra o apelo oficial de união nacional em torno da “pátria de chuteiras”, também não deixaram de ser respostas identitárias, em oposição à ideia de um povo alegre, pacífico e cordial.

## **2. A comunicação relacional e o dispositivo identitário**

Ao entendermos a construção das identidades como dispositivo, a comunicação relacional parece se tornar uma exigência nesse percurso. Ressaltamos, contudo, que as identidades coletivas, as

nacionais, necessitam de mediações das mais próximas e curtas até as mais amplas, e nesse último caso, cumpre a tarefa dos meios de comunicação, porém, não somente deles.

Tomemos os exemplos das guerras. Nelas são utilizados todos os aparatos dos meios de comunicação para mobilizar populações em torno do nacionalismo. Mas eles estão conectados a tantos outros, como escolas, igrejas, artes, grandes eventos militares e esportivos, resultando em discursos ultranacionalistas, que, quase invariavelmente, são construções totalitárias, xenófobas.

No entanto, as construções identitárias não são apreendidas só pela transmissão vertical de ideários nacionais, da fabricação de inimigos. Há uma intensa, permanente e motivada interação cotidiana dos sujeitos envolvidos. Eles vão reproduzir, mas também interpretar os discursos, construindo sentidos e significações identitárias, na maioria das vezes, atendendo aos apelos nacionais. Ou seja, a ação comunicativa está inserida “na esfera da ação, da intervenção e da experiência humana” (FRANÇA, 2003, p. 4).

Nessa condição, consideramos importante o viés praxiológico da comunicação, porque relaciona “a objetividade e a subjetividade, a individualidade e a sociabilidade, na medida em que elas se especificam reciprocamente e simultaneamente” (QUÉRÉ, 1991, p. 2). Observamos outro elo entre identidades e comunicação, na medida em que esta última envolve os sujeitos e a coletividade nas práticas comuns no mundo.

Sujeitos esses pertencentes a uma mesma comunidade de linguagem e de ação, e dispondo de mediações simbólicas compartilhadas (conceitos, jogos de linguagem, formas instituídas) efetuando uns em relação aos outros e em relação ao mundo (QUÉRÉ, 1991, p.2-3).



Como as identidades se constroem socialmente, vale destacar que sua condição subjetiva, individual, está cravada nas concepções coletivas. Nesse sentido, a sua relação com a comunicação é fundamental porque ela – a comunicação – é entendida como um *locus* para a construção social desses fenômenos, ou seja, como um “momento fundador da vida coletiva” (FRANÇA, 2003, p. 6).

Pensar em identidades contemporâneas exige a superação da visão comunicativa impositiva, hierárquica, transmissiva. Elas devem ser vistas dentro de um paradigma comunicacional que perceba os sujeitos como interlocutores em construção. O intenso fluxo do processo identitário, movimentando-se na esteira das seleções para pertencas e diferenças, passa, necessariamente, pela comunicação relacional e interacional.

Outro aspecto que ajuda a pensar a comunicação e as identidades entrelaçadas é a mutabilidade, a impossibilidade do totalitário, a rejeição do pré-concebido, de objetos e sujeitos pré-definidos. “É na ação comunicativa, enquanto um processo de ‘publicização’, que as coisas e os seres adquirem sua determinação – para todos os fins práticos – através da construção de relações com um ‘nós’” (QUÉRÉ, 1991, p. 7).

Tanto na comunicação, quanto nos processos identitários, há uma substituição dos dogmas, dos valores supremos e dos dualismos pelas incertezas e imprevisibilidades humanas. “Os homens historicamente se acostumaram a cultivar tudo aquilo que supostamente poderia lhes trazer a sensação da certeza. Mas apenas a sensação, pois a certeza absoluta é inalcançável” (POGREBINSCHI, 2005, p. 34).

O diálogo entre comunicação e processos identitários se aprofunda. Assim como a comunicação não é um sistema perfeito, fechado e

acabado, a sensação de ter uma identidade dada, natural, fixa não passa de uma sensação, de uma ilusão, de uma imaginação, de uma fábula. Nem nas chamadas identidades individuais, por exemplo, como as de gênero, têm-se a garantia de uma imutabilidade perpétua.

Reafirmamos que os processos identitários estão inseridos em jogos de tensões permanentes, nas experiências, nas relações envolvendo sujeitos e coletividade. “Etnia, religião, idioma, território, *per se*, não são suficientes para erigir nações e induzir o nacionalismo. A experiência compartilhada sim” (CASTELLS, 2001, p. 46). E mais:

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade” (BAUMAN, 2005, p. 17).

Hall (2013) deixa claro o entrelaçamento entre comunicação e identidades, na medida em que diz que a construção das identidades, exige uma *relação dialógica*, “não no sentido binário do diálogo entre dois sujeitos já constituídos, mas no sentido de sua relação com outro ser fundamentalmente constitutivo do sujeito” (HALL, 2013, p. 89).

### **3. Entrelaçamentos, mas em relação de dependência**

Parece ser evidente que as identidades se abrigam e transitam por um ambiente de comunicação interacional, superando lógicas dadas, transmissivas. Para Sodré (1999, p. 34), por exemplo, dizer identidades “é designar um complexo relacional que liga o sujeito a

um quadro contínuo de referências, constituído pela interseção de sua história individual com a do grupo onde vive”.

Vimos que os processos comunicacionais e identitários se dão nas interações dos sujeitos, entendidos como interlocutores e produtores de sentido. Dessa forma, essas relações “produzem necessariamente um apreender, um conhecimento de mundo que pode ser imitado, repetido, representado, mas também reconstruído, reconfigurado” (FRANÇA, 2003, p. 4). Complementamos essa ideia com formulações de Sodré (1999, p. 36), quando diz que “no nível da existência, nenhuma identidade esgota a dimensão do indeterminado, que se entende como o fluxo livre e aberto dos eventos no mundo”.

Entendemos que esses processos têm um inacabamento fundador, o mesmo que dizer de uma celebra o do móvel, da rasura permanente. “Somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente” (HALL, 2006, p. 13).

A comunica o também possui essas características. Ela ocorre em rela es e em contextos abertos a possibilidades. Em outras palavras, o comunicar não pode se fechar em si mesmo, o que tornaria incompreensível: “ele   uma realiza o singular dentro de possibilidades (um repertório de possíveis) que estão colocadas para os sujeitos” (FRANÇA, 2003, p. 15).

O sentido de constru o e reconstru o em um fluxo instável, a não aceita o do pré-determinado, as rela es entre os interlocutores na experiência são como elos que entrelaçam as identidades e a comunica o. No entanto, vislumbramos a  um grau de dependência, porque   no comunicar-se que o processo identitário se realiza.

Quando, de fato, ocorre a comunicação, os fenômenos se tornarão objetos de reconsideração e de revisão permanente (DEWEY, 1980).

A compreensão da comunicação enquanto atividade organizante, de construção (modelagem) de um mundo comum (de pontos de vista partilhados) é o viés que nos permite apreender em que medida as interações comunicativas, instaurando um espaço público (uma relação de troca e partilhamento simbólico entre diferentes sujeitos), são lugares que constroem esses sujeitos – e os constroem num mundo (FRANÇA, 2003, p. 16/17).

Dessa forma, as identidades necessitam do ambiente comunicativo relacional, em razão de sua capacidade organizativa do mundo, em razão do processo constitutivo dos sujeitos, que não resultará em um produto finalístico, mas num processo sempre aberto e inacabado, em permanente configuração e reconfiguração.

Resumindo: para se identificar como membro de um grupo e, ao mesmo tempo, diferenciar-se de outros, os sujeitos põem-se em ação, em relação, em comunicação. Dessa forma, a comunicação é base desse processo identitário. Os interlocutores em interação são construtores de sentidos e significações de suas pertencas e diferenças e, ao mesmo tempo, são construídos por eles. Aprendemos e apreendemos o mundo, o que somos e o que não somos em razão dessa dinâmica, das relações, das interações.

#### **4. Do dito ao não-dito**

Compreender o processo da comunicação na perspectiva relacional, reconhecer as identidades como dispositivo e identificar os entrelaçamentos entre comunicação e identidades nos ajuda a propor um primeiro salto reflexivo: perceber que a comunicação é processo imperfeito, que pode produzir acordos, consensos, uma

série de ditos, mas também, e ao mesmo tempo, desacordos, dissensos, *não-ditos*. Há silenciamentos<sup>2</sup> nas interações.

Vimos que as identidades, como dispositivo, estão profundamente pressionadas, imersas em disputas, em jogos de poder. Na comunicação, os diálogos, as interações e as mediações também não se dão em plena ordem, em simetria entre os sujeitos. Ela é desencontrada, marcada por conflitos e agrega inúmeros interesses de todas as ordens. (BRAGA, 2010).

É claro que reconhecemos que a comunicação é encontro de interlocutores em ação, em um ambiente comum, compartilhado. Nesse “lugar”, buscam-se os entendimentos, os acordos. “Comunicação é o processo voltado para reduzir o isolamento – quaisquer que sejam os objetivos e os modos de fazer” (BRAGA, 2010, p 69). No entanto, Quéré (1991, p. 7) chama atenção de que não se deve esperar na relação de comunicação “nem uma concordância de pensamentos ou de opiniões, nem uma convergência de pontos de vistas pessoais”.

Lembremos, por outro lado, que os processos identitários tendem a certo acordo. A nacionalidade brasileira, por exemplo, é resultado de um consenso construído nas pequenas e nas grandes mediações. No entanto, podem existir discordâncias que não são tão visíveis nas superfícies, porque na aparência ganha forma, na maioria das vezes, o que foi acordado, pacificado. As discordâncias parecem estar silenciadas, nas sombras das relações, mas surgem com falhas, lapsos. Certeau (1994), por exemplo, afirma que a linguagem carrega os lapsos, mas nem sempre eles estão visíveis. Foucault (1979, p. 244, grifos nossos) assegura que “o dito e o *não dito* são elementos do dispositivo”.

---

<sup>2</sup> Consideramos as formulações de Eni Orlandi (1993) sobre Análise do Discurso, em que ela argumenta existir nas enunciações um *silêncio*, que pode ser fundador ou resultado de uma política.

Assim sendo, apenas alguns aspectos das identidades vão ganhar visibilidade nas superfícies sociais, seja acentuando pertencças e/ou diferenças. Não é demais lembrar que as identidades são fenômeno imerso em permanentes disputas de poder, de forma que o que será visto e dito transitam no ambiente comunicativo. Contudo, quando uma linha força se impõe majoritariamente nesse dispositivo e ilumina apenas parte desse processo, acaba também produzindo sombras, silenciamentos, “não-ditos”.

Por isso, em razão das curvas de visibilidade e de enunciação no dispositivo (DELEUZE, 1990), inferimos existir algum “regime de seleção”, isto é, uma capacidade de selecionar somente algumas ocorrências diante de infinitudes e, assim, enunciar os acontecimentos como sínteses explicativas do mundo.

Selecionar é ação que implica escolher, separar e, ao mesmo tempo, descartar, excluir, ou seja, há aqui uma rede de intencionalidades que emerge das e nas relações, em disputas assimétricas, com várias linhas de força entrecruzando-se. Contudo, como estamos em fluxo e em instabilidade, enunciações e visibilidades também não são fixas. Quando as correlações de forças são alteradas, o que era visível pode passar à sombra.

Na comunicação, Certeau (1994, p. 245) propõe, usando Sanouillet<sup>3</sup>, esgotar os sentidos das palavras e jogar com elas, “até violentá-las em seus atributos mais secretos, pronunciar enfim o divórcio total entre o termo e o conteúdo expressivo que estamos habituados a lhe reconhecer”. Para ele, o importante não é mais o “dito” e nem o “dizer”, mas a permanente transformação e a invenção de dispositivos que, mesmo instáveis, permitem multiplicar essas mudanças.

---

<sup>3</sup> SANOUILLET, Michel. *Duchamp du sine*. Ecrits. Paris: Flammarion, 1975, p. 16.

Outra observação necessária é que esse ambiente de silêncio, de sombra, de “não-dito” nas relações também pode ser resultado do inverso, ou seja, do excesso de luz, do encandear. A intensidade política, proposital de enunciações e de visibilidades, isto é, o bombardeio de luzes pode “cegar” diante do visível. Assim, não seria apenas a sombra, o silêncio, a ocultação, mas também as enunciações intensas e desviantes que podem produzir invisibilizações, constituindo-se no que chamamos de *simulacro do visível*.

### **5. Conclusão: o não-dito como possibilidade**

Reconhecer que a comunicação, em sua perspectiva relacional, não é perfeita, que coexistem nas interações as concordâncias e as discordâncias, que essa tensão nem sempre é visível, isto é, perceber a existência de “não-ditos” nesse processo é o que chamamos de um primeiro salto reflexivo. Propomos um segundo: perceber que esse “lugar”, que supostamente está silenciado e em sombra, é um ambiente vivo, aberto, criativo que tensiona como resistência para irromper por brechas, fraturas, fissuras.

Acreditamos que enxergar nos ambientes interacionais que existem *não-ditos* é perceber uma porta aberta para um universo de possibilidades interpretativas, que busca enunciar e ser vista. Até “a muda agonia de uma dor constitui-se numa existência significativa quando puder ser designada e tornada discursiva” (DEWEY, 1980, p. 30).

Na constituição das identidades coletivas, por exemplo, há uma tensão insistente entre a memória revelada e o esquecimento, que associamos aqui ao dito e ao “não-dito”. Agustoni e Simões (2010)

utilizam Ernest Renan (1823-1892)<sup>4</sup> para lembrar que um dos pressupostos da criação de uma nação é exatamente o esquecimento. “A nação só seria possível se houvesse esquecimento de tudo aquilo que ressalta a diferença” (AGUSTINE & SIMÕES, 2010, p. 44), ou seja, uma ação e efeito de poder.

No entanto, nas correlações de poder existem múltiplos pontos de resistência, presentes em toda rede. Para Foucault (1988, p. 96), “o discurso veicula e produz poder; reforça-o, mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo”. Nesse sentido, retomemos a ideia de dispositivo, lembrando que ele é composto por linhas de força, entre elas, as de “ruptura, de fissura, de fratura que se entrecruzam e se misturam” (DELEUZE, 1990, p. 157).

Podemos pensar, então, os esquecimentos identitários como formas silenciosas, “não-ditas”, mas reforçando que nem sempre esse silêncio se constitui pela ausência de palavras ou discursos. Não obstante, acreditamos que nesse ambiente podem estar as vozes discordantes. Por ele podem circular as linhas de fissura, gerando tensões com os discursos aparentes. Esse “lugar”, de um suposto silêncio, de “não-ditos”, é rico de pulsões. Certeau (1994, p. 222) diz que “bem longe dos poderes econômicos e administrativos, o Povo fala”.

Retomemos a ilustração dos apelos do Governo e de empresas em torno do pacto nacional pela Copa do Mundo no Brasil. Será que as manifestações críticas (“não vai ter Copa”), sempre enquadradas como violentas, não seriam indicativo de fissura identitária que ganhou visibilidade, reagindo à lógica de um povo alegre, pacífico, cordial? Nas interações e mediações comunicacionais sobre a Copa

---

<sup>4</sup> RENAN, Ernest. O que é uma nação? In: ROUANET, Maria Helena (Org.). *Nacionalidade em questão*. Caderno da Pós/Letras (19). Rio de Janeiro: UERJ, 1997.



do Mundo-2014, onde estavam esses discursos críticos-discordantes que parecem ter eclodido do nada?

De alguma forma, perceber o “não-dito”, o esquecido, o silenciado, é exatamente lembrar-se, rompendo silêncios e sombras. É chamá-lo à luz da memória. É desvelar o invisível contido ali, no visível. Esta será sempre uma ação criativa e inacabada. Para Dewey (1980, p. 38), a ação de perceber “é reconhecer possibilidades não atingidas; é referir o presente a consequências, o aparecer ao desfecho”.

Ressaltamos que esse ambiente de suposto silêncio não se constitui em outro espaço, um paralelo nas interações, talvez, no máximo, funcione como um fundo logo ali, que de alguma forma “está sempre implícito de alguma forma e em alguma medida em todo e qualquer pensamento” (POGREBINSCHI, 2005, p. 58).

Quando Certeau discutiu a comunicação verbal, lembrou que há “gritos” inseridos nela, furando-a como um lapso. Esses gritos, diz ele, sempre vão, de alguma forma, escapar nas interações. “Do primeiro grito até o último, alguma coisa de outro irrompe com ele, que seria sua diferença em face do corpo, uma diferença ora *in-fans* e mal educada, intolerável na criança, a pessoa possessa, o louco ou o doente” (CERTEAU, 1994, p. 240). Para esse autor:

Hoje há os dispositivos sócio-políticos da escola, da imprensa ou da Tv que isolam de seus leitores o texto que fica de posse do mestre ou do produtor. Mas por trás do cenário teatral dessa nova ortodoxia se esconde (como já acontecia ontem), a atividade silenciosa, transgressora, irônica ou poética, de leitores (ou telespectadores) que sabem manter sua distância da privacidade e longe dos “mestres” (CERTEAU, 1994, p. 268).

Concordamos ainda com Sodré quando ele diz que nossa história é construída com o “não-dito”, com o “não-pensado”. Nessas

condições, ainda há muito para se pensar e falar, porque “o que transforma é o não-dito e o não-respondido” (SODRÉ, 1999, p. 66).

Acreditamos que é na tensão entre luzes e sombras, o divulgado e o silenciado, o dito e o “não-dito” nos processos identitários e nos comunicacionais que se assegura uma a instabilidade criativa e transformadora, produzindo resistências e fissuras, gerando sempre uma “nova-idade”.

## Referências

AGUSTONI, Prisca & SIMÕES, Bárbara. Mapas de uma travessia. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida & DAIBERT JÚNIOR, Robert (Org.). *Depois, o Atlântico: modos de pensar, crer e narrar na diáspora africana*. Juiz de Fora/MG: UFJF, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BRAGA, José. L. Nem rara, nem ausente – tentativa. *MATRIZES*, ano 4, nº 1, São Paulo: ECA-USP, jul./dez. 2010. p 65-81.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade: a era da informação – economia, sociedade e cultura*. Volume 2. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles. ¿Que és un dispositivo? In: BALBIER, E. et al. *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Gedisa, 1990.

DEWEY, J. Experiência e Natureza. In: \_\_\_\_\_. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FRANÇA, Vera Viegá L. Quéré: dos modelos da comunicação. In: *Revista FRONTEIRAS*. Estudos Midiáticos. Vol. V, nº 2. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, S. *Da Diáspora*. 2ª Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

POGREBINSCHI, T. *Pragmatismo: teoria social e política*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.

QUÉRÉ, Louis. “De um modelo epistemológico da comunicação a um modelo praxiológico”. Traduzido por Lúcia Lamounier Sena e Vera Lígia Westin. Do original: “D’un modèle épistémologique de la communication à un modèle praxéologique”. In: *Réseaux*, n. 46/47. Paris: Tekhné, 1991.

SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1999.



**COMPOLÍTICA**  
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA  
DE PESQUISADORES EM  
COMUNICAÇÃO E POLÍTICA

*Diretoria da Associação | Director Board*

**Presidente | President**

Fernando Lattman-Weltman (UERJ)

**Vice-Presidente | Vice-President**

Arthur Ituassu (PUC-Rio)

**Secretária Executiva | Executive Secretary**

Kelly Prudêncio (UFPR)

*Corpo Editorial | Editorial Board*

**Editores-Chefes: | Chief-Editors**

Alessandra Aldé (UERJ) & Maria Helena Weber (UFRGS)

**Editores Executivos | Executive Editors**

Fernanda Sanglard (UERJ), Rafael Cardoso Sampaio (UFMG) & Viktor Chagas (UFF)

**Revisoras | Proofreaders**

Fernanda Sanglard (UERJ) & Isabele Mitozo (UFPR)

<<http://compolitica.org/revista>>

A Revista Compolítica é uma revista eletrônica da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política

*[Revista Compolítica is an electronic journal published by the Brazilian Association of Political Communication Scholars]*

Ao citar este artigo, utilize a seguinte referência bibliográfica

*[To cite this article, please use the following reference]*

GOÉS, José Cristian. *Comunicação e processos identitários: entrelaçamentos, não-ditos e caminhos de possibilidades*. In: **Revista Compolítica 5 (1), 2015**.

